

VILÉM FLUSSER

## COMO FILOSOFAR ENQUANTO JUDEU BRASILEIRO?

O "Instituto Brasileiro de Filosofia" fará um simpósio sobre o tema "A Experiência filosófica brasileira" em maio, do qual participarão todas as seções brasileiras, e que tenho a honra de organizar. O tema é daqueles que exigem um esforço de honestidade. Exigem que se mergulhe no próprio íntimo para tornar conscientes os motivos recalcados que fizeram com que o pensamento se tivesse dirigido em sua direção atual, e que esses motivos sejam examinados, para ver se resistem a uma crítica necessariamente penosa. Pois quando iniciei essa auto-crítica, verifiquei que a minha condição de judeu é um dos motivos a serem considerados fundamentais para o rumo que tomei no meu trabalho. Como essa verificação deve ser típica para todo judeu, e portanto deve interessar a todo judeu, submeto o presente artigo à "Crônica Israelita", não apenas como katharsis pessoal, mas quicá coletiva.

O tema que provocou esta análise é, repito, "A Experiência filosófica brasileira". Trata-se pois do problema do condicionamento e da limitação da experiência filosófica por fatores geográficos e históricos determinados. O tema não nega que pode haver uma dimensão filosófica que supera esses fatores. Que o sentido da filosofia de Kant, por exemplo, talvez não se esgote pela enumeração do seu condicionamento enquanto burguês protestante alemão do século 18. Com efeito, pode ser argumentado que a filosofia é exatamente uma tentativa de superar esse tipo de condicionamento. O tema apenas focaliza o fato incontestável que toda filosofia se dá em situação histórica e geográfica, situação essa que informa a experiência filosófica mesmo quando esta procura negar a sua própria situação, visando alterá-la... individualmente ou coletivamente. Pois é sob este prisma que a experiência filosófica se apresenta com determinação especificamente judia na situação brasileira, mesmo se procura negar essa determinação, visando alterá-la.

Reformulemos um pouco. Admitamos que o principal motivo de filosofar é a tentativa, tipicamente humana, de elevar-se sobre a situação, a fim de compreendê-la e modificá-la. E que essa tentativa é resultado da repulsa que sentimos contra aquilo que nos cerca e aquilo que nos condiciona internamente. (Os que não sentem essa repulsa, ou os que a recalcam, não filosofam.) Pois é óbvio que essa rebelião que é a filosofia é marcada por aquilo contra o que se rebela: a sua situação condicionante. Creio pois que o condicionamento geográfico e histórico, (como qualquer outro), é o lado negativo daquela tensão dialética que a experiência filosófica, em todo lugar e sempre.

Mas a rebelião que é a filosofia não é uma atitude individual e indisciplinada. É, pelo contrário, uma atitude inserida em determinada tradição, com determinados métodos e com uma temática determinada. (por isso que se queira

a relembremos com saudade.

Mas já nos anos 40, creio, começavam a delinear-se as primeiras graves dúvidas quanto à posição assumida. Falarei das dúvidas políticas e sociais, antes de discutir as filosóficas propriamente ditas. Tornava-se sempre mais óbvia uma semelhança estrutural entre nazismo e stalinismo, semelhança essa que se manifestava ocasionalmente como colaboração ao nível nacional e internacional entre ambos, (coisa terrível para um judeu de esquerda). Tornava-se óbvio que o internacionalismo da esquerda, (tão caro ao judeu), era um mito, que na realidade continuava o nacionalismo, inclusive com seu fator antissemita. Que o pacifismo da esquerda era fachada, e que os países socialistas entravam com naturalidade no jogo de forças imperialistas. Que o capitalismo, em grande parte responsável pelo nazismo, passava por uma re-estruturação interna que mudava paulatinamente muitos dos seus aspectos. Que são os países capitalistas evoluídos que tendem a superar melhor as injustiças econômicas e sociais, o nacionalismo e o antissemitismo. (Embora continue o capitalismo a preservar traços clássicos em sua relação com os países subdesenvolvidos.) Em suma: que deste ponto de vista a tomada de posição deve ser revista.

As dúvidas de ordem filosófica são ainda mais contundentes. O filosofar da esquerda, tem um aroma dogmático repulsivo ao espírito da filosofia. E isto é verdade inclusive com relação a certas tendências existencialistas. O pensamento da esquerda baseia-se sobre uma metafísica inconsciente que é de um realismo ingênuo que não resiste, creio, a uma crítica mais atenta. A filosofia da esquerda tende a focalizar a atenção sobre problemas políticos, sociais e econômicos, em detrimento dos demais, e os demais ficam portanto deformados. Embora a filosofia da esquerda tende a abrir-se à influências do pensamento "burguês", funciona, assim mesmo, como freio, e todos os grandes desenvolvimentos da atualidade se dão ao exterior dela, (haja visto a fenomenologia, a linguística, o estruturalismo, a teoria da comunicação, e o existencialismo propriamente dito). E, principalmente, o filosofar da esquerda tende a desprezar aqueles problemas autenticamente filosóficos que dizem respeito à posição do homem face ao mistério que o cerca e que nela se esconde: digamos face à morte. De forma que o pensamento da esquerda tende a evadir as perguntas mais importantes e a tornar-se insignificante.

Ao ser assim forçado para uma revisão de posição, o judeu que filosofa no Brasil, vê-se removido de uma posição cômoda para posição incômoda ao extremo. Sua crítica à sua própria atitude anterior é interpretada como volte-face à direita. E essa interpretação não pode ser menosprezada, já que implica em responsabilidade por parte de quem filosofa. Porque

trário, uma atitude inserida em determinada tradição, com determinados métodos e com uma temática determinada, (por mais que se queira abrir essas estruturas). De forma que a própria estrutura da rebelião é resultado da situação, e quem filosofa não se rebela apenas contra a sua circunstância, mas também contra a própria filosofia. E é nessa revolta dentro da revolta que deve ser colocado o problema da experiência filosófica brasileira.

Quem filosofa no Brasil filosofa dentro da tradição ocidental e contra ela se rebela. E, nessa rebelião, está em contato direto e indireto com outros que filosofam na Europa e nos Estados Unidos. Com efeito, esse contato é o próprio ambiente dentro do qual se dá a sua filosofia. Mas embora ele seja, enquanto filósofo, integrado com seus parceiros, não o é enquanto brasileiro. Porque a situação brasileira é inteiramente diferente da européia e americana num sentido fundamental para o engajamento em filosofia. De maneira aproximada pode ser dito que a situação brasileira é mais adequada a um filosofar do tipo do século 19 que ao tipo atualmente praticado, porque, (resguardadas diferenças importantes) a situação brasileira é ainda marcada por aquelas influências sociais e existenciais contra as quais se rebelava a filosofia do século passado. É a este fato que se chama "subdesenvolvimento". De forma que a tragédia da experiência filosófica brasileira é a de ter-se fazer uma opção entre duas alternativas igualmente nefastas: ou alienar-se da filosofia atual, ou alienar-se da situação brasileira. Forjar dessa experiência trágica uma filosofia digna é o nosso desafio.

Mas se quem filosofa no Brasil é judeu de educação européia entre as duas guerras, essa experiência trágica adquire vários aspectos desconhecidos por filósofos brasileiros natos ou de procedência européia diferente. E esses aspectos marcarão, queira ou não, o seu pensamento, indelevelmente. Procurarei considerar alguns dentre esses aspectos.

A época entre as duas guerras foi, para o adolescente intelectual judeu europeu, a época do nazismo. E o nazismo é um fenômeno que facilita extraordinariamente uma tomada de posição em todos os sentidos. Como filosofia, é subumanamente cretino. Como articulação existencial, é covarde e nojentoso. Como teoria e praxis política e social é obviamente criminoso. E como manifestação estética é repulsivo. E, para facilitar ainda mais, é antisemita. Pois é contra o nazismo que o intelectual judeu se rebela, e isto é uma rebelião cômoda intelectual e existencialmente. Outro fator determinante foi a crise de capitalismo das décadas 20 e a experiência inédita e cheia de virtualidades empreendida na União Soviética como alternativa ao capitalismo. Os dois fatores se completavam. O intelectual judeu das décadas 30 e 40 estava na posição invejável de poder tomar uma posição filosófica nítida e inteiramente e existencialmente. Outro fator determinante: uma posição de esquerda. Por mais horrível que tenha sido a época da qual estou falando, deste ponto de vista certamente todos

ce à direita. E essa interpretação não pode ser menosprezada, já que implica em responsabilidade por parte de quem filosofa. Porque os intérpretes, embora equivocados, enquadram o pensamento na fileira que representa tudo aquilo contra o qual esse pensamento se rebela. Alienam o pensamento. (Porque a alienação, sendo relação entre um indivíduo e um contexto, é tanto resultado da ação do indivíduo, quanto da do contexto). E aqui surge o problema da assimilação do judeu enquanto filósofo ao contexto brasileiro.

Pode ser discutido o quanto têm razão Herzl e Hitler de chamarem os judeus europeus de "gente do asfalto", um exprimindo seu desprezo, o outro, sua crítica. E pode ser discutido se a grande maioria da população européia e americana não é igualmente "de asfalto", dada a diminuição da população rural nesses países. O que não pode ser discutido é o fato da relativa distância do judeu no ambiente brasileiro, por mais que este se esforce para assimilar-se. Não nego que essa distância é um problema individual, que depende em parte da inteligência do indivíduo, da sua abertura para o ambiente, e do número das gerações que o prendem em descendência e ascendência à terra brasileira. Mas a relativa distância continua um fato. Pois ter distância em filosofia pode ser vantagem, já que a filosofia é uma tentativa de tomar uma visão distante. Mas pode ser também desvantagem, já que a distância visa engajamento, portanto exige um forte interesse existencial na situação da qual se distanciou a filosofia.

O judeu que filosofa no Brasil está pois em dupla dificuldade. Precisa primeiro assimilar-se para depois poder distanciar-se. E a assimilação é dificultada pelo processo de revisão, do qual falei, e que é um processo parcialmente contrário aos processos que atuam a filosofia brasileira atualmente. Porque o filósofo brasileiro nato para o qual o nazismo e a desilusão com a esquerda não são motivos fundamentais, está em procura de uma posição contra uma situação "subdesenvolvida". E essa posição tem semelhanças com a posição da qual o filósofo judeu brasileiro se distancia. Está a específica tragédia do judeu que filosofa no Brasil atualmente.

Mas há esperança. A filosofia é um diálogo, para o qual as posições mais díspares podem contribuir fertilmente. O judeu que filosofa no Brasil tem uma contribuição específica a contribuir ao diálogo, contribuição essa parcialmente resultado dos motivos mencionados. Talvez seja esse tipo de filosofia exatamente o método pelo qual o judeu que filosofa no Brasil se assimila a sua terra? Porque a assimilação, como a alienação, é um processo bivalente, que resulta tanto do esforço daquele que se assimila, como do ambiente ao qual ele se assimila.

Não nutro a esperança de ter esgotado o problema neste artigo. Nem de tê-lo resolvido. Apenas espero que estas considerações articulem em parte uma preocupação de muitos judeus brasileiros, e que, nesta medida, ajudem a torná-las conscientes.